

Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP

Licenciatura em História

Leonardo Soto Borges

A memória dos sobreviventes das bombas atômicas e a Associação Hibakusha
Brasil pela Paz.

São Paulo

2023

A memória dos sobreviventes das bombas atômicas e a Associação Hibakusha Brasil pela Paz.

Resumo

Este artigo tem como objetivo acompanhar a trajetória dos hibakushas, sobrevivente das bombas nucleares de Hiroshima e Nagasaki nos 6 e 9 de agosto de 1945 buscam recomeçar suas vidas em outros países, principalmente na América Latina.

No Brasil, estes sobreviventes irão formar a Associação Hibakusha Brasil Pela Paz e por meio de lá irão, de início, reivindicar direitos que o Estado japonês tarda em oferecer e logo depois empreender ações tanto contra armas nucleares quanto contra a geração de energia nuclear tentando conscientizar a população em geral é para os riscos das tecnologias nucleares para os riscos das tecnologias nucleares.

Palavras Chaves = Memória, Sobreviventes, Hibakusha

1.Introdução

1.1 Objetivo e justificativa

As bombas de Hiroshima (06/08/1945) e Nagasaki (09/08/1945) foram o ápice da destruição da Segunda Guerra Mundial, mostrando como a humanidade não estava pronta para tal descoberta e sobre suas consequências. afinal elas, as consequências destas bombas, persistem até os dias atuais nos traumas psicológicos e nas sequelas físicas dos sobreviventes da sua explosão, como queimaduras e até problemas de saúde que apareceram muito tempo depois, levando que estes lutassem pelos seus diretos, como pessoas que perderam bens materiais e muitas vezes pessoas próximas.

Este artigo tem como objetivo analisar como a memória é retratada em determinados momentos da história para contribuir com uma narrativa favorável a quem quiser; com base nisso, irei analisar a Associação Hibakusha Brasil Pela Paz, que reúne sobreviventes das Bombas de Hiroshima e Nagasaki no Brasil e como o movimento atua contra as bombas nucleares e o emprego da energia nuclear.

O tema desse trabalho será dividido em três capítulos: no primeiro, irei discutir a importância da memória para a história e o caso dos hibakushas; no segundo será debatido a vinda do grupo ao Brasil e o começo da formação da Associação Hibakusha Brasil pela Paz e no último capítulo, como o movimento atua desde sua fundação até os dias atuais na luta contra as bombas nucleares e em apoio aos operários que trabalharam em indústrias envolvendo componentes radioativos, ajudando-os na defesa de seus direitos.

1.2 Fontes e metodologia

No trabalho será feita a utilização de fontes escritas e orais para a construção do trajeto dos sobreviventes destes os fatídicos dias dos ataques das bombas nucleares até a vinda do movimento para o Brasil a formação da Associação e os principais debates que sondam a associação atualmente.

Assim no primeiro capítulo utilizando de fontes bibliográficas apenas e no segundo começo a me aprofundar tanto em bibliografia como em depoimentos dos sobreviventes e seus parentes disponíveis dentro do YouTube já no último capítulo utilizarei fontes bibliográficas e depoimentos novamente para construção da ideia proposta.

Capítulo II – A memória e os Hibakushas

2.1 A Memória e a construção de narrativas.

A memória passada pela oralidade é sem dúvida um ponto crucial para o estudo da história, pois por meio dela temos a passagem principalmente de quotidianos e determinados grupos que não passam sua história apenas através de escrita, A história pode ser constituída recorrendo à aos documentos, mas não apenas a eles existem diversos métodos de construção de um passado visto pelos próprios monumentos, vestígios e a própria oralidade. Para fazer história a partir da história oral é preciso que os fatos não tenham ocorrido há muito tempo ou sejam localizados em. Mas é possível encontrar fontes cujo intuito era justamente servir de memória, como autobiografias, relatos, memorandos etc.

Nos documentos, estatuas, pinturas e paisagens encontramos diversas narrativas transmitidas que nos permitem estudar momentos determinados construindo uma visão do que aconteceu esta construção se dá através de memória coletiva que aparece quando temos relações entre as pessoas do mesmo grupo que concordam com uma determinada narrativa fazendo assim com que aquilo vire o certo dentro deste grupo.

A memória como já diz Tzvetan Todorov não é algo que deve ser dividida entre “bem” ou “mal”, mas sim feita uma análise desta memória que se dê através da narrativa que se visa criar com ela e os interesses daquele que de acordo com determinado grupo quer manipulá-la para beneficiá-los. Assim se constroem narrativas tentando justificar determinados atos ou até mesmo apagar e legitimar as ações tomadas naquele momento como no caso de ditaduras, genocídios e até mesmo negligência de obrigações, mas também há um grande problema no caso de uma generalização de determinado grupo ou memória como no caso dos alemães durante a Segunda Guerra Mundial onde podemos ver muitas vezes um certo discurso de ódio a toda uma população que não tem culpa dos atos feitos durante o holocausto.

Tendo em vista isso também podemos analisar como o processo tanto da construção e desconstrução de certas narrativas que favoreçam aquele que estiver as desenvolvendo ou aquelas que se limitam a contar apenas certos fatos que beneficiem o seu lado e existem aquelas que tentam se ocultar determinado grupo e sua memória para favorecer mais ainda sua narrativa.

A rejeição de determinadas memórias de alguns grupos pode corresponder ao interesse de uma sociedade em um determinado momento, como aconteceu com os próprios sobreviventes das bombas de Hiroshima e Nagasaki no Japão, Como retrata o filme *Rapsódia em Agosto*, de Akira Kurosawa², uma família trata de relatar a memória traumática do momento da explosão de uma bomba nuclear e como teve que reprimir esta história devido a de uma sociedade japonesa que estava otimista com seu futuro devido a recém aliança entre Japão e EUA assim começando um processo de recuperação desta memória feita por um parente que viria dos Estados Unidos.

A Segunda-Guerra Mundial por si só já foi o ato de extremas violências praticadas e do avanço tecnológico principalmente quando o objetivo das potências que estavam disputando por poder e influência no mundo tinham como objetivo superar militarmente aqueles que discordassem de seu ponto de vista e com isso as bombas nucleares foram sem dúvida o ápice da destruição e extermínio alcançados pelos cientistas: mostrando que o fato do rápido desenvolvimento científico não estava sendo acompanhado pelo avanço no respeito aos direitos humanos, como comentou Norberto Bobbio em sua autobiografia:

“A arma total chegou cedo demais para a incivilidade de nossos costumes, para a superficialidade de nossos juízos morais, para a imoderação de nossas ambições, para a enormidade das injustiças que sofre a maior parte da humanidade, sem ter outra escolha além da violência ou da opressão.”³

² KUROSAWA, Akira. *Rapsódia em Agosto*. Direção de Akira Kurosawa. Japão: Toho Company, 1991. 98 min.

³ Norberto Bobbio, *Autobiografia: Uma vida política* pag. 226)

2.2 Das bombas e o apagamento da memória.

As bombas de Hiroshima (06/08/1945) e Nagasaki (09/08/1945) foram jogadas no final da Segunda-Guerra Mundial com o argumento de serem uma medida necessária para que os japoneses aceitassem finalmente sua rendição. Mas esta é uma narrativa que atualmente tem sido bastante contestada pelos pesquisadores possibilitando assim com que deixe explícito que esta atitude foi apenas um método de demonstração de força para se colocarem acima na questão militar para o mundo todo.

Tzvetan Todorov, por exemplo afirma que existiram três justificativas possíveis para o lançamento das bombas atômicas: a necessidade dos EUA de se provar mais forte perante seu grande novo inimigo a URSS; a questão racial, devido ao fato do orgulho nacional dos EUA ter sido afetado seriamente com o ataque de Pearl Harbour em 7 de dezembro de 1941.

Logo após a detonação das duas bombas nucleares (5 dias após a bomba de Nagasaki,) o Império japonês se rende perante os EUA. O fato de o Império japonês ter sido não só derrotado como devastado durante a segunda Guerra Mundial incluindo as regiões afetadas pelas bombas atômicas e a ocupação das tropas norte americanas nos territórios japoneses, devido ao tratado de segurança de 1951, que seriam o primeiro sinal de um tratado que viria para o benefício da industrialização no Japão principalmente.

Mas por outro lado, qualquer pessoa que tivesse vivido a tamanha destruição de suas vidas que foi feita por estes novos aliados, os norte-americanos, fazia com que os Hibakushas se forçassem a esquecer, não comentando ou passando sua experiência para as demais familiares ou pessoas conhecidas, este passado em prol da evolução da comunidade fazendo assim com que aqueles que não o esquecessem fossem isolados da sociedade de pouco em pouco inclusive aqueles que um dia foram afetados de alguma maneira pelas bombas.

Os assim denominados Hibakushas são aqueles japoneses que foram “marcados”⁴ pelo trauma de ter visto a devastação de toda sua vida por uma bomba e por esse passado como sobreviventes da explosão das bombas atômicas e mais tarde serão aqueles que serão excluídos da sociedade, devido à falta de auxílio a este grupo que teve a perda de todos os seus bens materiais por causa das bombas, para que este passado de guerra fosse esquecido em prol do “bem maior” da sociedade que seria o desenvolvimento do país com o grande investimento estrangeiro que estava vindo de seu novo aliado econômico(EUA).

Se a própria memória dos sobreviventes está constantemente ameaçada devido a sua fragilidade em manter preso dentro de si os horrores de ter vivenciado a destruição das bombas nucleares e ver toda sua vida destruída por aqueles, os norte-americanos, que agora são considerados os maiores parceiros do país fazendo assim com que aqueles que passaram por este trauma se recusem a falar.

A Guerra Fria seria um marco da disputa imperialista entre duas grandes potências que se sobressaíram pôs a Segunda Guerra Mundial (EUA e URSS) quando se inicia uma corrida para ver quem qual dos dois seria o país mais influente, o mais armado e o mais desenvolvido e naquele cenário. A procura pelo desenvolvimento de uma arma nuclear será a prioridade para a URSS, ainda mais depois da “demonstração” feita pelos seus inimigos, de que detinham tamanho poder bélico em suas mãos.

De acordo com Edward Thompson, “A Bomba, ela é uma Coisa, e uma Coisa que não pode ser um agente histórico.”⁵ Assim vemos que apesar de países influentes terem o controle da bomba em si ela por si só elas não atuam ativamente dentro da história, mas sim quem irá atirar a mesma; mostrando assim que apesar da pressão que as bombas causam a partir de seu

⁴ https://www.youtube.com/watch?v=B1LBlsq4qs&ab_channel=JornalFutura

⁵ THOMPSON, Edward Extremismo e Guerra Fria. São Paulo, Brasiliense, 1985. Pág. 18.

aparecimento elas são neutras do ponto de vista políticos e apenas utilizadas por determinado grupo.

A crise dos mísseis em Cuba em 16/10/1962 – 29/10/1962 pode ser considerada o ponto mais tenso durante a Guerra Fria pois foi o momento mais próximo de uma possível Guerra Nuclear que causa uma sociedade com um medo constante deste novo conflito além de desenvolver dentro das pessoas o medo constante de ser o seu último dia de vida por causa da bomba atômica.

O primeiro acordo contra a proliferação das armas nucleares (TNP- Tratado de Não-Proliferação Nuclear) só virá a ser debatido em 1968 e só entrará em vigor 2 anos depois em março de 1970, assinado por poucas potências mundiais, mas este acordo até aquele momento era focado nos principais possuidores de armas nucleares (Reino Unido, Estados Unidos, França e a antiga URSS) fazendo assim com que fosse obrigatório o controle do número de armas nucleares, como as próprias bombas atômicas, e se desse início a um processo de e futuramente tendo a adesão de mais países totalizando nos dias atuais 168 países que estão neste acordo.

2.3 Do acordo de não proliferação

Com este acordo teremos o primeiro passo para o desarmamento nuclear no mundo fazendo assim com que os arsenais nucleares que antes cresciam de maneira estrondosa a cada ano que se passava agora diminuíssem drasticamente passando assim o foco das pesquisas nucleares principalmente para aprimoramento das armas nucleares.

Também vale lembrar que a formação da TNP apresenta diversos problemas desde seu início que começa com a sua divisão em dois grupos: aqueles que tinham bombas (EUA, Rússia, China, França e Reino Unido) e os que não tinham, demais países não considerados no início do tratado, fazendo assim com que aqueles que tivessem as bombas tivessem um status de membros permanentes do Conselho de segurança da ONU (CS) da tendo assim uma cadeira permanente oque garantia sempre sua votação devido ao status adquirido ao formarem o TNP e assim aumentando assim ainda mais a

disparidade de poder. Assim, os países que têm as cadeiras permanentes no CS ficam controlando aqueles que não possuem bombas de criarem as suas e o TNP também era utilizado para o controle da pesquisa de energia nuclear onde aqueles que não tivessem a validação do conselho não poderia desenvolver sua pesquisa.

Durante a Guerra Fria algumas bombas nucleares seriam suficientes para a destruição de uma boa parte da civilização. Já atualmente, essa destruição seria facilmente alcançada com uma única bomba, mostrando que o acordo apesar de vir para fazer o “bem” a um enorme interesse político e econômico para justificar tão acordo.

Capítulo III – A vinda para o Brasil e o “Novo Lar”

Com tamanha pressão e falta de oportunidade dentro da sociedade japonesa como por exemplo as questões pessoais como os traumas gerados pela bomba e o próprio questionamento pessoal de porque os Hibakushas eram aqueles que ficaram vivos ao invés dos outros além disso também tinha a questão de terem perdido todos os seus bens materiais e estarem em um Japão que estava em uma situação pós-guerra de miséria e destruição fazendo assim com que os hibakushas não tivessem outra alternativa do que sair do país e tentar reconstruir suas vidas em outro país.. Isso faz com que alguns venham para o Brasil onde irão se estabelecer nesse novo território e ambiente totalmente diferentes de sua terra natal.

Mas porque o Brasil? A relação do Brasil com o Japão pode ser compreendida a partir de três grandes ciclos imigratórios⁶ no primeiro grande ciclo (1908-1924) há um momento em que existia grande interesse em ambos os países afinal cada um necessitava e passava por um momento crucial dentro de sua história enquanto o Brasil precisava de mão de obra para a produção do café com experiência e que fosse de baixo custo. O Japão, por outro lado, passava por uma reestruturação dentro de seu país pois passava por uma grande

⁶ SUZUKI, Teiti. *Imigração Japonesa no Brasil. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, v1.n.2, p. 45-60, 1995.*

transformação dos seus meios de produção e, industrialização, fazendo assim com que muitos que antes trabalham nos campos fossem para as cidades e causando assim uma pequena crise de comida dentro do território japonês.

Assim, em 05/11/1895 “O Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre Brasil e Japão” daria início a uma longa parceria entre os dois países na questão migratória, cujo primeiro navio a trazer imigrantes japoneses, o Kasato Maru, trouxe 781 imigrantes que, seriam destinados ao interior de São Paulo para as lavouras de café; Essa relação inicial, contudo, seria interrompida devido ao início da Segunda Guerra Mundial com o ataque a Pearl Harbor feito pelo Japão e os bombardeios em navios brasileiros por submarinos alemães.

As colônias japonesas aqui no Brasil sofreram diversos problemas com o governo Brasileiro durante este período da Segunda Guerra Mundial como é retratado no livro Corações Sujos, do autor Fernando Morais, que retrata a perseguição e o racismo que as colônias japonesas sofreram após o Brasil entrar de um dos lados da guerra e como o povo japonês não tinha muitas informações sobre como estava a situação da guerra e como ela chega ao fim e eles, os imigrantes japoneses no Brasil, tem que ouvir seu imperador renunciando à sua divindade e seu poder para as tropas norte-americanas, eles não conseguem acreditar em tal momento

O início da Segunda Guerra Mundial, portanto, faz com que o Brasil tenha que romper o Tratado com o Japão, e só voltando a ter suas relações reestabelecidas após o término da guerra, por volta de 1952. Daí em diante, as imigrações seriam autorizadas por meio de uma empresa que foi criada para gerir a transferência destes imigrantes para o Brasil, não tendo assim uma participação direta do governo japonês nessa operação. Isso viria mudar mais tarde, quando um novo acordo será assinado em 1963, dando início à terceira fase da imigração japonesa no Brasil e com a qual viriam os primeiros

hibakushas. Não sabemos quantos foram ao certo, mas André Lopes estima que, no mínimo, 300 vieram para cá neste momento⁷.

Por volta de 1980, o governo japonês demonstrou interesse em tentar reparar os sofrimentos causados aos hibakushas, proporcionando-lhes um auxílio financeiro para uma tentativa de “redimir o passado”; isso fez com os hibakusha que viviam no Brasil fossem atrás deste direito, principalmente Takashi Morita um hibakusha que estava aqui no Brasil e constantemente lia jornais para saber sobre seu país natal. Assim, ao tentar reivindicar este direito de possuírem auxílio médico, apenas no território japonês no momento, se deparam com estas barreiras de que o governo japonês não reconhece que existiram sobreviventes fora do país e mesmo se houvesse, eram considerados traidores por terem abandonado seu país quando mais precisavam por volta de 1960 quando país passava pelo processo de reindustrialização. Outro problema era o fato dos hibakushas não terem documentos ou provas de serem sobreviventes daquelas explosões nucleares.

Assim os filhos de Morita, Yasuko e Marcos, sugerem ao seu pai para que em vez de tentarem reivindicar estes direitos de maneira individual formassem uma associação que abrangesse todos os sobreviventes que estavam no Brasil, para provar que realmente existiam e estavam vivendo aqui. Forma-se, assim em junho de 1984, a Associação dos Sobreviventes da Bomba Atômica no Brasil. A formação demorou, pois, era necessário tempo e dedicação para gerir a associação, o, que o senhor Morita não possuía era apenas um homem simples, que trabalhava como funcionário de uma relojoaria assim tendo ajuda de seus filhos em grande parte deste processo inicial da formação da Associação abrindo um comércio no início, um restaurante e mercearia, que no futuro seria a sede da associação.

⁷ LOULA, André Lopes. *A "Associação Hibakusha Brasil pela Paz" e os sobreviventes de Hiroshima e Nagasaki no Brasil. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.*

Assim, começou a luta constante por meio da Associação para reivindicar os direitos de seus associados e a divulgação para que todos aqueles que estivessem sofrendo das mesmas dificuldades até então se associassem e assim pudessem, provar que eram sobreviventes das bombas por meio de uma caderneta que será a primeira vitória da Associação; Após a ida de Morita e seus filhos a Hiroshima, Nagasaki e Tóquio em novembro de 1984, estabeleceu-se um diálogo com os governos locais para reconhecimento e auxiliar estes sobreviventes, negligenciados, que estavam aqui no Brasil e por meio disso, em 1985 o governo Japonês leva auxílio médico para o Brasil, sendo assim distribuídas cadernetas que davam acesso ao sistema de saúde japonês para tratamento de sequelas das explosões nucleares que os sobreviventes tivessem.

Os Hibakushas tinham acesso anualmente ao Japão para fazer um check-up, mas só poderiam ser tratados no território japonês no início desta liberação do “plano de saúde” fazendo assim com que poucos conseguissem ter acesso a este direito; O que inicia uma disputa dentro do mundo jurídico japonês, os hibakushas seriam representados por um advogado Shuichi Adachi que estava no Japão e constantemente coletava documentos e passava as orientações de como estava se desenrolando o caso, tem resultados positivos para os hibakushas conforme o desenrolar como o fato de todos os integrantes da Associação possuírem acesso a uma caderneta (esta caderneta dava acesso aos hospitais japoneses) e futuramente, 2005, o governo japonês disponibilizar por medida judicial cerca de R\$ 4.000 para gastos relacionados a sua saúde⁸.

Nos depoimentos dos hibakushas podemos ver que em determinado momento eles consideram uma obrigação passar à frente suas experiências, mesmo que traumáticas, em relação ao que houve com sua terra natal devido às bombas fazendo assim com que eles se ofereçam para ir em diversos espaços como escolas para palestrar, divulgar e frisar o quão maléfico é o uso

⁸ LOULA, André Lopes. *A "Associação Hibakusha Brasil pela Paz" e os sobreviventes de Hiroshima e Nagasaki no Brasil. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Pág 53.*

da bomba atômica, na medida em que relatam toda a destruição porque passaram.⁹

3.1 Os traumas a serem superados

“No caso dos sobreviventes dos bombardeios atômicos, a grande maioria das vítimas foi ferida com graves queimaduras pela explosão, assim como quase todos aqueles que estavam na cidade enfrentaram a situação limite que os levou a vivenciar o anestesiamento e a frieza perante o cenário torturante. Porém, mesmo com os seus ferimentos corporais cicatrizados, reagiram neuroticamente ao trauma do bombardeio. Eles pertencem a uma minoria dos casos que permaneceram com suas feridas narcisistas pulsantes e abertas as quais, como afirma Seligmann-Silva (2000) permanecerão no psiquismo dos sobreviventes como uma ferida na memória, que cobrarão da psique um eterno investimento em busca de uma cicatrização que jamais acontecera.”¹⁰

Os hibakushas vão viver o resto de suas vidas com a imagem do fatídico dia em suas memórias fazendo assim com que sejam torturados e questionem o porquê de eles terem sido os “escolhidos” para sobreviver diante de tanta destruição. Fazendo assim com que muitos as vezes se sintam culpados por não terem feito tudo aquilo que podiam para salvar mais vida no dia da explosão das bombas.

No trabalho de André Lopes ele entrevista alguns dos sobreviventes e ressalta que dentro dos discursos e depoimentos dos hibakushas é possível perceber a tentativa constante de distanciamento de reativarem as traumáticas memórias que passaram fazendo com que falem um discurso que demonstre os horrores que passaram, mas sem entrar diretamente em detalhes de como ocorreu.

A memória destes sobreviventes é constantemente instigada a ser revivida principalmente pela indústria cinematográfica que constantemente faz filme tratando do tema tentando romantizar a destruição ou até mesmo vender a

⁹ https://www.youtube.com/watch?v=98iCfqsNmng&ab_channel=tvsaoluis-OcanaldoCol%C3%A9gioS%C3%A3oLu%C3%ADs

¹⁰ HOBSEAWM, Eric. *Era dos Extremos: O breve século XX 1914-1991 2.ed. São Paulo: Companhia das letras, 2021*

imagem de como e “vivenciar a experiência de uma bomba atômica real” como e o caso do filme mais recente Oppenheimer que na divulgação do próprio filme uma das estratégias de marketing foi a de demonstrar como o filme reproduziu fielmente a sensação, sonora, de ter uma bomba atômica explodindo perto dos demais.

Um hibakusha, Yasuaki Yamashita relata sua reação ao ver o filme “Enquanto assistia ao filme eu realmente tremia de tristeza, memória e sofrimento. Na cena do teste atômico, comecei a sofrer, não consegui assistir ao filme. Tive que tapar os olhos e comecei a chorar” o sobrevivente de 84 anos havia sido convidado pela Universal, produtora do filme, para tentar divulgar o filme na questão da realidade da bomba e com este depoimento despertou o interesse de mais diversas pessoas para irem ao cinema verem o filme.

Assim observamos mais uma vez o controle de certas narrativas para determinados objetivos neste caso vimos que utilizaram do trauma de um dos sobreviventes em relação aos estímulos de uma sala de cinema para assim despertar maior interesse do público em prol do filme.

3.2 A associação e a luta contra a energia nuclear

A energia nuclear é vista por muitos como algo 100% benefício e considera uma solução para muitos problemas relacionados à necessidade de energia nos tempos atuais. Por isso, alguns acreditam que vale o “pouco” risco que envolve. No entanto, o que muitos não mencionam são os gastos causando tanto para a produção da usina como os riscos e diversos acidentes que já ocorreram dentro destas mesmas como o desastre de Chernobyl, em 1986, e o de Fukushima, em 2011, contando também com o caso do césio-137 em Goiânia em 1987.

No Brasil, a energia nuclear foi implementada a princípio com o interesse da exploração de materiais radioativos que existem em abundância no território brasileiro e são itens essenciais principalmente para países estrangeiros que também investem nessa nova fonte de energia. Assim o CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa) será responsável pelo desenvolvimento desta nova área dentro do território nacional.

A autoria Daniele De Souza Silva¹¹ aborda a formação dessa nova energia no Brasil, destacando principalmente uma divisão de períodos na implementação desta energia no Brasil. Sendo dividida em 3 fases a primeira e chamada de nacionalista (1949-54), a segunda fase seria a diplomática (1955-1974) e a terceira fase seria a do desenvolvimento dependente (1975-até hoje).

A Associação participava do debate nuclear de diversas formas, tanto por meio da participação no “Mensageiros Da Paz” quanto por meio de uma participação importante no dia 22/09/2009, durante a inauguração do NIPAC (Núcleo de Estudo sobre o Acidente do Césio). Durante este evento, alguns sobreviventes foram convidados a relatar suas vivencias e conscientizar as pessoas presentes da responsabilidade que eles tinham perante as pessoas.

O projeto Brasileiro mais conhecido relacionado à energia nuclear atualmente são as usinas nucleares Angra 1, inaugurada em 1985, Angra 2, inaugurada em 2001, e por fim, a Angra 3, que será a maior usina nuclear do país, com inauguração prevista para 2029. No entanto, já houve incidentes como o vazamento de água radioativa em 2022 na Angra 1, que tentou evitar a divulgação do incidente, porém após investigações feitas pelo IBAMA resultaram na multa a empresa Eletronuclear que é a responsável por estas usinas.

Os hibakushas visitaram Angra dos Reis em 2011, onde participaram de entrevistas e palestras relatando os perigos das usinas nucleares, especialmente naquele momento pois o acidente nuclear em Fukushima. Era recente. E dentro destas palestras feitas estavam tentando conscientizar a população local sobre os perigos que correm ao viverem naquela região e como devem cobrar constantemente a empresa responsável por sua segurança.

Capítulo IV – O movimento atualmente

A atuação da Associação atualmente continua na procura caso haja algum hibakusha necessitando de ajuda para reivindicar direitos e até mesmo ser

¹¹ Silva, Daniele A associação hibakusha brasil pela paz: a política nuclear brasileira vis-à-vis os grupos organizados da sociedade civil. Periódico UFPB: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ricri/article/view/29826/18110>

reconhecido como um sobrevivente, a rede de contatos que a associação formou ajuda dentro deste âmbito. No entanto, o movimento está ativo no protesto contra as guerras e a exploração de minerais radioativos e a energia nuclear.

Infelizmente o maior momento de visibilidade para a Associação ocorre nas fatídicas datas das bombas de Hiroshima e Nagasaki, quando são procurados para dar relatos de suas memórias e de suas experiências nos horrores que viveram naqueles dias, através disso, tentam conscientização de suas pautas. No entanto, a participação dos hibakushas vai muito mais além do que apenas aparecer dentro destas matérias.

A luta da Associação não se restringe apenas aos perigos das usinas nucleares de Angra. Existe também a extração de matérias primas radioativas, como o urânio, feito em território brasileiro gerando assim além de uma enorme quantidade de materiais radioativos uma falta de espaço para descarte destes mesmos materiais. Uma das crises do descarte destes lixos é o depósito de Santo Amaro, localizada no meio de uma região populosa em São Paulo, onde a segurança em volta do depósito é precária e o risco de vazamento de radioatividade deste material é alto.

Este material também está sendo transportado para um local “menos” perigoso, segundo as responsáveis pelo depósito. No entanto, os trabalhadores, principalmente caminhoneiros, que estão fazendo o transporte deste material estão extremamente expostos à radiação destes produtos devido à falta de transparência da empresa responsável com estes trabalhadores.

No livro “Cobaias da Radiação”, a jornalista Tania Malheiros demonstra, através de uma denúncia, a exploração de um grupo de trabalhadores que sofreram devido a Orquima, a primeira indústria de exploração de minerais radioativos no Brasil, a primeira indústria de exploração de minerais radioativos no Brasil, onde os trabalhadores ali dentro eram induzidos a longas jornadas de trabalho e a falta de proteção para estes mesmo durante seus turnos. A indústria explorava a ignorância de seus trabalhadores sobre o assunto o que causa diversas sequelas dentro destes trabalhadores e uma luta pela reivindicação de direitos mínimos que eles pedem como acesso a um plano de saúde que ajuda

os poucos sobreviventes de hoje em dia a tratar seus problemas de saúde gerados por esta exposição.

A Orquima foi inaugurada em janeiro de 1954 pelo atual presidente Getúlio Vargas como uma tentativa de validar a extração de materiais radioativos, naquele momento a areia monazítica, feita em um acordo firmado com os EUA. Isso permitiu que um comércio que antes era feito “por baixo dos panos”¹² e já estava constantemente sendo pressionado pela mídia atual pudesse ser amplamente agora divulgado como algo que traria grande investimento para o Brasil e por assim na melhoria de vida das cidades. Esse será o primeiro grande caso de exploração de trabalhadores envolve a indústria radioativa.

A associação está apoiando também os trabalhadores das indústrias de Santo Amaro no que for possível dentro da luta judicial contra a INB (Indústrias Nucleares do Brasil). Essa luta se estende até os dias de hoje pela reivindicação de direitos mínimos para estes trabalhadores, como o pagamento de seus tratamentos de saúde. No entanto, a luta dentro do meio judicial já está se alongando tanto que atualmente poucos sobreviventes desta exploração ainda estão engajados ou até mesmo vivos para continuar esta luta. Afinal, devido à tamanha exposição a materiais radioativos, muitos já morreram de câncer gerado por causa desta exposição.

V- Conclusão

Ao longo do trabalho, reconstruí a trajetória dos sobreviventes desde o dia das bombas, utilizando os relatos dos hibakushas desse momento, os quais foram adquiridos por meio do acervo de materiais, entrevistas e pesquisas sobre os sobreviventes.

Devido a isso, foi possível construir o movimento desses sobreviventes, enfatizando a importância de seus depoimentos por terem sobrevivido à maior arma de destruição, a bomba atômica, utilizada em seres humanos até os dias de hoje. Isso demonstra que, apesar de ser extremamente doloroso para esses

¹² MALHEIROS, Tania. *Cobaias da radiação: A história não contada da marcha nuclear brasileira e de quem ela deixou para trás*. Trio Gráfica Digital, 2023

sobreviventes reviverem essas memórias, não impede que tenham consciência da extrema importância que esses relatos têm para nós atualmente. Afinal, graças a eles, temos uma fonte primária quando queremos retratar os horrores da guerra.

O Brasil, como fornecedor de longa data de matérias-primas para essas energias radioativas, está recebendo essas novas tecnologias com o propósito de "limpar" a poluição causada por outras formas de energia. Isso faz com que os países de "primeiro mundo", que já estão fazendo a transição para energias mais limpas, voltem sua atenção para os países detentores das matérias-primas dessas novas energias.

Outro ponto que destacamos é o foco na luta da associação contra a energia nuclear e a mineração desses minérios radioativos. Para a energia nuclear, basta um pequeno erro técnico ou humano para causar um estrago que afetará gerações de pessoas. Não é algo raro, como evidenciado pelos diversos acidentes ao longo do percurso do trabalho.

Assim, ressalta-se a importância da mensagem que o movimento tenta transmitir de geração em geração: que não se repitam os erros do passado, que não se lance novamente uma bomba nuclear. Isso porque, obviamente, além de colocar em risco os seres humanos nas proximidades do destino da bomba, também ameaça o próprio planeta como um todo. Atualmente, uma única bomba é suficiente para causar uma catástrofe irreversível em nosso planeta.

Referencias

Livros e Artigos

LOULA, André Lopes. A "Associação Hibakusha Brasil pela Paz" e os sobreviventes de Hiroshima e Nagasaki no Brasil. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

Morais, Fernando. Corações Sujos: A história da Shindo Renmei. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TODOROV, Tzvetan. Memória do mal, tentação do bem: Indagações sobre o século XX. São Paulo: Arx, 2002.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-199, Parte 2 - Guerra Fria*. 2.ed. São Paulo: Companhia das letras, 2021

MALHEIROS, Tania. *Cobaias da radiação: A história não contada da marcha nuclear brasileira e de quem ela deixou para trás*. Trio Gráfica Digital, 2023

DUARTE, Sérgio de Queiroz. *Um mundo livre de armas nucleares: aspiração e realidade*. *Revista de Informação Legislativa: RIL, Brasília, DF*, v. 57, n. 225, p. 11-21, jan./mar.2020. Disponível em: http://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/57/225/ril_v57_n225_p11

SUZUKI, Teiiti. *Imigração Japonesa no Brasil*. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo*, v1.n.2, p. 45-60, 1995.

Filme, vídeos

KUROSAWA, Akira. *Rapsódia em Agosto*. Direção de Akira Kurosawa. Japão: Toho Company, 1991. 98 min.

https://www.youtube.com/watch?v=98iCfqsNmng&ab_channel=tvsaoluis-OcanaldoCol%C3%A9gioS%C3%A3oLu%C3%ADs

https://www.youtube.com/watch?v=B1LBIsgq4qs&t=1s&ab_channel=JornalFutura

https://www.youtube.com/watch?v=Ld8QtTXOdXw&t=1s&ab_channel=EuronewsPortugu%C3%AAs

https://www.youtube.com/watch?v=ru6MIN-dAsY&ab_channel=KuraCan

Notícias e sites

<https://wp.ufpel.edu.br/pelotasmun/2020/08/07/75-anos-apos-hiroshima-e-nagasaki-conheca-a-historia-dos-hibakushas-no-brasil-e-no-mundo/>

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150804_hibakusha_nagasaki_lk

<https://wp.ufpel.edu.br/pelotasmun/2020/08/07/75-anos-apos-hiroshima-e-nagasaki-conheca-a-historia-dos-hibakushas-no-brasil-e-no-mundo/>

<https://www.eletronuclear.gov.br/Paginas/default.aspx>